

Bakhtin e Freud: aproximações e distâncias/ *Bakhtin and Freud: Approximations and Distances*

Sandra Mara Moraes Lima*
Ruy Perini**

RESUMO

Este trabalho apresenta as diferenças entre o pensamento freudiano e a teoria da linguagem elaborada pelo Círculo, na perspectiva marxista, a partir da obra *O freudismo: um esboço crítico*, de Bakhtin/Volochínov. Procuramos demonstrar que há um reducionismo de certos conceitos freudianos no texto de Bakhtin/ Volochinov e, a despeito do que é argumentado pelo autor, há pontos de aproximação entre a concepção bakhtiniana de sujeito e a da teoria freudiana.

PALAVRAS-CHAVE: Bakhtin, Freud, sujeito

ABSTRACT

This work consists of presenting the reading O freudismo: um esboço crítico, by Bakhtin/Volochínov in which this author shows the differences between the freudian thought and the language theory elaborated by the Circle in the Marxist perspective. Our intent is to demonstrate that there is a reductionism of certain freudian concepts in Bakhtin's text and still to make clear that, despite what is argued by Bakhtin, there are approximation points between the conception of subject presented by the bakhtian Circle and the Freudian theory.

KEY-WORDS: Bakhtin, Freud, Subject

* Doutoranda LAEL/PUC-SP/bolsista CAPES; sandramlima@intervip.com.br

** Médico psiquiatra; mestre em Estudos Literário; ruyperini@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

Em *O freudismo*: um esboço crítico, ao tentar estabelecer as fronteiras entre a psicanálise e a teoria de linguagem do Círculo, Bakhtin (Volochínov)¹ aponta para o pressuposto de que esse posicionamento não é gratuito. São visíveis as aproximações possíveis entre essas teorias e tal como pode se depreender em Freud no que diz respeito às resistências, “O esforço empregado em apagar uma presença (...) só faz confirmar esta presença” (AMORIM, 2004, p. 30). O Círculo bakhtiniano dialoga com Freud, Marx e Saussure, incorporando parte do pensamento desses teóricos e recusando outros. O que impressiona em alguns momentos do texto é o tom marcadamente duro com que Bakhtin refere-se ao freudismo, demonstrando grande resistência a alguns conceitos. Em alguns tópicos as críticas reduzem o pensamento de Freud sugerindo haver além de uma preocupação em estabelecer fronteiras e uma identidade teórica, o intuito em marcar um espaço ideológico comprometido com o sistema político em que o Círculo atua.

A nossa intenção neste artigo é apresentar os conceitos descritos por Bakhtin em que o pensamento de Freud foi reduzido e ainda tentar demonstrar os pontos de contato entre Freud e a teoria da linguagem bakhtiniana e em que residem as diferenças, tomando por base os argumentos apresentados por Bakhtin na tentativa de estabelecimento das fronteiras entre o freudismo e o método marxista que orienta os estudos do Círculo. A proposta é um tanto audaciosa, uma vez que estabelecer o diálogo entre pensadores e teorias tão amplas e fecundas não é algo que se faz com facilidade. No entanto o intuito não é abarcar a totalidade de tais teorias, mas tomar tão somente como base o que foi explicitado no livro *O freudismo*, apresentando nossa leitura e nossa resposta, processo inevitável quando se assume a responsabilidade de atravessar e ser atravessado pelo outro num movimento incessante e infinito.

1 – Para esclarecimentos acerca da autoria de *O freudismo*: um esboço crítico, ver Moura-Vieira (2009).

1 O FREUDISMO E A VISÃO SOCIO-HISTÓRICA

Bakhtin assevera que na teoria de Freud a consciência do homem é determinada não pelo seu ser histórico, mas pelo ser biológico, cujo aspecto é a sexualidade. Reconhece a amplitude dessa teoria sobre a sexualidade, mas critica o foco apenas no aspecto biológico, desconsiderando o social. Atesta que esse pressuposto ideológico de considerar o aspecto biológico em detrimento da história ocorre em alguns períodos. É como se os homens de determinada época desejassem fugir do clima histórico, tornado incômodo e frio para eles, e, assim, exilassem-se no aconchego orgânico do lado animal da vida. Ou seja, buscam conceber a realidade considerando aspectos que não trazem conflitos. Nessa abordagem alheia à história cita Kant, Bergson, Simmel, Gomperz e outros.

Nesse contexto, aproxima o Freudismo do sistema filosófico de Gomperz que, com a influência do sexólogo Otto Weininger, procura reduzir todas as categorias do pensamento às reações emocionais do organismo humano diante do mundo.

(...) o motivo biológico central do Freudismo não está nada só. Faz coro em uníssono com todos os motivos principais da filosofia burguesa atual. Um medo singular perante a história, a aspiração de encontrar um mundo além de tudo o que é histórico e social, a procura desse mundo exatamente nas profundezas do orgânico penetram todas as teorias da filosofia atual, constituindo-se em sintoma da desintegração e da decadência do mundo burguês (BAKHTIN, 2007, p. 10).

Podemos admitir que essa seja uma visão do positivismo, mas não embasa a teoria de Freud. A sexualidade para ele não tinha relação com a genitalidade. Ele nunca quis negar um corpo para o homem, para o sujeito; o conceito de deslocamento e de zonas erógenas deixa claro que o chamado pansexualismo trata-se de uma erogenização de áreas que adquirem um significado além da função original daquele órgão na medida da importância que tem o prazer na realização dos objetivos das pulsões. Isso demonstra que o ponto de partida da psicanálise não é o corpo biológico com sua lógica, mas o desejo, que não tem origem no fisiológico, mas no psiquismo do sujeito. Esse processo de erogenização é bastante complexo, exatamente por fugir das regras fisiológicas e entrelaçar-se com o desejo, dimen-

são psíquica, e isso se dá em cada indivíduo de acordo com sua história, de acordo com as interações sociais estabelecidas que devem ser localizadas no ato psicanalítico. Bakhtin parece desconsiderar esse caráter da psicanálise.

Assevera o filósofo linguista que o que constitui a consciência do sujeito é o fator social. O ser nasce não como um ser biológico, mas como fruto de um espaço e um tempo. Assim, todas as tentativas de evitar esse nascimento social para explicar o homem resultarão num fracasso:

(...) nenhum ato do homem integral, nenhuma formação ideológica concreta (o pensamento, a imagem artística, até o conteúdo de um sonho) pode ser explicada e entendida sem que se incorporem as condições socioeconômicas (BAKHTIN, 2007, p. 11).

Freud não faz leitura socioeconômica nos moldes marxistas, embora sua teoria não desconsidere o social, como apontaremos mais adiante. O conceito de inconsciente e o conceito de sujeito são inseparáveis do entendimento do homem como ser social e não biológico. O Inconsciente freudiano é pessoal, não considera um inconsciente arcaico (coletivo) como fez Jung, mas a constituição do Inconsciente para ele é social e não biológico. Os conceitos de ego (em grande parte inconsciente) e ideal do ego (ou superego) como formador do ego atestam isso.

Bakhtin diz que em Freud a consciência do homem não é determinada pelo seu ser histórico, mas pelo ser biológico, cujo aspecto fundamental é a sexualidade. No entanto, a sexualidade para Freud não é biológica. Muito pelo contrário, é inteiramente determinada culturalmente. Como ele dizia é *perverso-polimorfa*. Embora reconheça que os órgãos do corpo tenham papel fundamental no desenvolvimento sexual, esse papel não é determinado pela função original. Assim, várias partes do corpo podem adquirir função erótica (as chamadas zonas erógenas). Bakhtin acusa Freud de ignorar a segunda parte da fórmula de Aristóteles: “o homem é um animal social” (BAKHTIN, 2007, p. 7). Nada mais falso, pois Freud vai além e reconhece no homem um animal sócio/cultural. Para Bakhtin, o homem teria um segundo nascimento como social. Para Freud o homem já nasce sócio/cultural, pois o nascimento de um homem não é apenas um ato biológico, mas dentro da estrutura cultural da sua sociedade. O seu

nascimento faz parte de um projeto que envolve um desejo ou não desejo, mas sempre com uma representação de um papel cultural.

A obra de Freud *Psicologia de grupo e análise do ego*, de 1921, não citada por Bakhtin, não deixa dúvida acerca do equívoco em relação a certas críticas dirigidas a Freud. Já na introdução desse trabalho afirma:

O contraste entre a psicologia individual e a psicologia social ou de grupo, que à primeira vista pode parecer pleno de significação, perde grande parte de sua nitidez quando examinado mais de perto. É verdade que a psicologia individual relaciona-se com o homem tomado individualmente e explora os caminhos pelos quais ele busca encontrar satisfação para seus impulsos instintuais; contudo, apenas raramente e sob certas condições excepcionais, a psicologia individual se acha em posição de desprezar as relações desse indivíduo com os outros. *Algo mais está invariavelmente envolvido na vida mental do indivíduo, como um modelo, um objeto, um auxiliar, um oponente, de maneira que, desde o começo, a psicologia individual, nesse sentido ampliado, mas inteiramente justificável das palavras, é, ao mesmo tempo psicologia social* (FREUD, 1976, p. 9; grifo nosso).

Nessa obra em que Freud analisa o ego, ele deixa claro – ainda que considere uma dimensão individual do sujeito – como o papel exercido pelas interações sociais, com os pais, os irmãos, o médico, os fenômenos sociais em geral, está impresso no sujeito e devem ser levados em conta na grande maioria das análises.

2 FREUD E AS CORRENTES DA PSICOLOGIA

Tomando as duas maneiras de se apresentar a vida psíquica (uma baseada na experiência interior, a outra na experiência externa) nas respostas do organismo aos estímulos, Bakhtin formula a seguinte questão: em que base deve se apoiar a psicologia científica? Qual das duas correntes, objetivista ou subjetivista, corresponde melhor aos fundamentos do materialismo dialético? Para essas questões, argumenta Bakhtin, que o marxismo não nega a realidade do psíquico-subjetivo, no entanto a experiência subjetiva interior não

pode fornecer nada para ser pesquisado objetivamente. Tal como advoga a psicologia objetiva, a psicologia do homem deve ser socializada. Para ele, não é possível compreender o comportamento do homem sem que se incorpore o ponto de vista sociológico objetivo.

Portanto, a psicologia deve estudar *com métodos objetivos o comportamento humano materialmente expresso nas condições do meio natural e social*. São essas as reivindicações do marxismo à psicologia (BAKHTIN, 2007, p. 19; grifos do autor).

Nesse momento cabe considerar que Bakhtin (Volochninov), em *Marxismo e filosofia da linguagem*, reconhece a existência de uma dimensão individual, a expressão interior, e que é a expressão exterior que tem papel regulador e orientador. Há uma impossibilidade de separação dessas dimensões do discurso e somente a expressão exterior pode ser analisada. Em Freud, isso também é considerado, pois para ele a experiência subjetiva é apenas a forma como o sujeito representa a experiência objetiva e é diretamente determinante em sua formação. O conceito de sujeito freudiano é a formação da consciência no que diz respeito às normas, leis etc. e, principalmente, à linguagem. A psicanálise trabalha com a linguagem, por considerar que o sujeito está nela, embora seu objetivo não seja filosófico, mas clínico. E com este fim, a psicanálise considera a língua verbalizada, expressada, que, geralmente, esconde significações subjacentes que devem ser investigadas no ato psicanalítico.

Bakhtin questiona que posição ocupa a psicanálise na luta entre as duas correntes psicológicas. Segundo alguns autores, Freud e seus seguidores consideram sua psicologia verdadeiramente objetiva e, portanto, é quem melhor responde às reivindicações que o marxismo faz da psicologia. No entanto, para Bakhtin, o método de Freud é subjetivo, com um mascaramento de objetivo, pois ao analisar a linguagem verbalizada, estabelecendo o conflito do que é dito e o que não é verbalizado (processo do inconsciente) enfoca os conflitos do comportamento humano de dentro, isto é, do ponto de vista da introspecção. Argumenta que a força da teoria freudiana está em ter proposto a análise da linguagem e ter reunido material para análise, mas sua fraqueza está em desconsiderar o aspecto sociológico dos fenômenos.

Não concordamos com esse ponto de vista, pois Freud não desconsidera as questões socio-ideológicas, apenas não as focaliza, uma

vez que seu objeto de pesquisa era a clínica e ainda porque o social já está implícito na formação do sujeito. Em seus estudos, Freud sempre partiu das relações humanas, considerou as relações familiares, a igreja, a tribo, o que pode ser verificado largamente em sua obra, como *Totem e tabu* (1913), *Psicologia das massas e análise do ego* (1921), *O futuro de uma ilusão* (1927) *Moisés e o monoteísmo* (1939), *Mal-estar na cultura* (1930). Vale ressaltar que destes, os dois primeiros foram publicados antes da crítica de Bakhtin.

Em relação ao caráter sociológico, Bakhtin atesta que Freud não leva em conta que os conteúdos do psiquismo, dos desejos, sonhos seja totalmente ideológico. Segundo Bakhtin, Freud considera o conteúdo psíquico como sendo fruto do psiquismo individual, como se estivesse em uma atmosfera socialmente vazia.

Essa concepção não é do freudismo, a psicanálise teorizada por Freud não considera o indivíduo isolado. Na constituição do Inconsciente, do ego e do superego Freud contempla as relações sociais inevitavelmente.

Freud não se deteve nas questões ideológicas de luta de classes tal como no marxismo, motivo pelo qual Bakhtin considera que não há diálogo possível entre Marx e Freud. Consideramos discutível essa postura por duas razões: primeiro, é possível destacar pontos da teoria de Bakhtin que dialogam em sintonia com o pensamento freudiano e, segundo, o caráter da ciência empreendida por Freud não comportava a análise do aspecto ideológico das lutas de classe, ainda que se possa inferir essa ideologia do material de linguagem por ele reunido. Sua perspectiva era outra e não menos coerente por isso. No entanto, as relações sociais não são desconsideradas por Freud, uma vez que analisa as relações familiares, a figura materna, paterna, o papel das instituições tais como a escola, a igreja etc.

Bakhtin afirma que não há ciência neutra, que toda teoria expressa o comprometimento do sujeito a uma dada classe social e sendo assim, não é diferente com a teoria freudiana. Sugere que o posicionamento de Freud perante os fenômenos estudados reflete o caráter ideológico da classe social a que pertence. Parte do princípio de que a ciência é sempre feita por um sujeito, de modo que toda a sua produção será um espelho de si mesmo, revelando o seu ser social concreto. Nessa perspectiva, procura interpretar o pensamento freudiano como fruto de um pensamento engendrado na classe burguesa. Faz uma síntese da teoria freudiana no que diz respeito à vida

psíquica do homem, fruto da interação de três instâncias: o consciente, o Inconsciente e o pré-consciente.

As duas primeiras encontram-se em permanente luta, expressa nos atos do dia-a-dia do homem. Nesse contexto, Bakhtin diz que Freud define o inconsciente como não verbal, que se transforma em pré-consciente através da união com as respectivas representações verbais. A essa definição Freud atribui grande importância para sua teoria, mas, para Bakhtin, ele ainda não a desenvolve, não explicita com que base metodológica obteve os dados do inconsciente, uma vez que ele é mudo.

Nos argumentos apresentados por Bakhtin a respeito do inconsciente, é importante considerar que ele não é mudo, apenas deve ser ouvido de maneira diferente do discurso organizado racionalmente. As formações do inconsciente aparecem no discurso de várias formas, quais sejam, os sonhos, lapsos da língua, chistes, esquecimentos e os sintomas que são localizados na clínica. Segundo Freud, o inconsciente não oferece resistência alguma aos esforços de tratamento:

Na verdade, ele próprio (o inconsciente) não se esforça por outra coisa que não seja irromper através da pressão que sobre ele pesa, e abrir caminho à consciência ou a uma descarga por meio de alguma ação real (FREUD, 1976, p. 32).

Dessa maneira, a cura pela palavra é a cura pela palavra falada, verbalizada que envolve um conteúdo que geralmente não está explícito na fala, mas subjacente a esta. A representação de palavra envolve representações inconscientes com estrutura de palavras, linguagem, mas que necessitam a articulação consciente através do Ego para serem comunicadas significativamente. O método utilizado para essa “leitura” do inconsciente é a pesquisa clínica através da livre-associação. Esta é a maior fonte de crítica a Freud, pois não pode ser medida por métodos estatísticos e tecnológicos, uma vez que não se trata de ciência exata.

3 A QUESTÃO DO MÉTODO

A respeito da metodologia adotada na psicanálise, Bakhtin cita o argumento de Freud quando declara que todo o conhecimento pro-

duzido por ele está obviamente ligado à consciência. Como se sabe, o inconsciente é inacessível à consciência. Ele só se dá a conhecer, quando as pulsões recalcadas procuram abrir acesso à consciência. Isso ocorre com a deformação através da qual burlam a censura e, ao burlarem a vigilância dessa censura, penetram na consciência, onde permanecem desconhecidas, constituindo manifestações que subdividem-se em patológicas (histerias, fobias, delírios, atos falhos etc.) e normais (sonhos, mitos, imagens artísticas, idéias filosóficas, sociais etc.). Para Freud, estabelecer as fronteiras entre as manifestações patológicas e normais nem sempre é simples, pois frequentemente são instáveis e tênues essas fronteiras. São nessas manifestações que o pesquisador pode localizar e analisar as falas do inconsciente.

Bakhtin declara que o estudo de maior fundamento do freudismo é o que trata da interpretação dos sonhos tomados como uma forma velada do inconsciente se manifestar. Esse método parte da livre fantasia ou livre-associação que consiste na tentativa de deixar vir à tona, sem as censuras do consciente, o conteúdo onírico e tudo que se associe a ele, mesmo que, aparentemente, não tenha relação. A partir dessa ação, pode-se proceder a interpretação dos sonhos através da simbologia estabelecida, uma vez que essa linguagem onírica será sempre simbólica, não regida pelos mesmos princípios da linguagem do consciente. É esse método da livre associação que Freud usa para analisar outras modalidades de formações no estudo dos sintomas patológicos de diversas doenças nervosas.

Nessa perspectiva metodológica, Bakhtin atesta que, para Freud, toda a criação ideológica brota das mesmas raízes psicorgânicas donde originam-se também o sonho e o sintoma patológico. Cada momento da construção ideológica é biologicamente determinado com rigor.

Seguindo a apresentação do método freudiano, Bakhtin apresenta o ponto de vista adotado por Freud em relação à arte. Para Freud, a arte, assim como o chiste e o gracejo, é um respiradouro para as energias reprimidas do inconsciente. Nesse caso, o inconsciente cria sua forma e seu conteúdo na arte e no chiste. No entanto, não é apenas o id que se manifesta na arte, mas também o superego pode ser sua fonte, e, como exemplo, cita Dostoiévski e o sentimento de culpa. Bakhtin afirma que nessa perspectiva todo conteúdo da arte advém de premissas psicologicamente individuais e reflete o jogo das

forças psíquicas e, sendo assim: “Não sobra espaço para refletir a existência socioeconômica com suas forças e conflitos” (2007, p. 60).

Em relação à teoria freudiana das origens das formas sociais em que ele descreve a constituição do superego, através do processo de identificação e idealização, Bakhtin reitera que, para Freud, a organização social é explicada através dos mecanismos psíquicos.

Cabe considerar que Freud coloca a questão do desejo na raiz das construções humanas, mas desejo não é da esfera biológica. Ainda que com ela se relacione, o desejo está vinculado ao psiquismo e na origem de toda cultura. Para ele, o instinto é biológico, e usa para o sujeito o termo pulsão (*der Trieb*) que, uma vez submetida às regras sociais (*Princípio da realidade*), é articulada em desejo regulado pelo Princípio do Prazer. O desejo é, em grande medida, regulado socialmente, uma vez que a pulsão é o instinto biológico já diante das regras, recebido pelo psiquismo e pela linguagem do mundo cultural. A fome do animal, meramente biológica, é distinta do desejo humano por um sanduíche veiculado pela propaganda capitalista ou pela comida da mãe etc.

O texto bakhtiniano sobre o freudismo é tendencioso e demonstra um conhecimento simplista da psicanálise, pois leva o leitor a crer que a teoria de Freud contempla o indivíduo como uma ilha. A construção de valores que compõe o superego é feita a partir das relações, ainda que cada indivíduo o faça de forma *sui generis*. O homem freudiano não é um simples indivíduo da espécie, mas é o sujeito da cultura. Todo o construto teórico de Freud aponta para o homem, mais do que influenciando na formação da cultura, como um efeito da mesma, embora este seja um binômio indissolúvel em termos da filogenética.

4 ESTABELECEDO FRONTEIRAS

Segundo Bakhtin, ao tratar do inconsciente, Freud o faz da perspectiva subjetivista, atribuindo ao psiquismo as sensações, representações, desejos e sentimentos tal qual a velha psicologia. Afirma, ainda, que não é possível abonar uma concepção de inconsciente que mantenha os mesmos elementos da consciência. Uma vez “Abandonada a consciência, passa a não ter absolutamente nenhum sentido conservar sentimentos, representações e desejos” (BAKHTIN, 2007,

p. 69). A análise de dados do psiquismo, num princípio objetivista, só pode ser efetuada apoiando-se na experiência objetiva externa, uma vez que os dados da autoconsciência que trazem desejos, sentimentos e representações não dizem nada, pois o fato de colocar nos desejos, sentimentos e representações o rótulo de inconsciente e não de pré-conscientes ou conscientes não vai além da autoconsciência subjetiva. Para se recusar a autoconsciência é necessário recusar também todo o quadro de elementos que a compõe. Assim procede a psicologia objetiva, no entanto, não é esse o procedimento de Freud. Segundo Bakhtin:

[ele] tenta erigir com os velhos tijolos subjetivos um quase-edifício objetivo inteiramente novo do psiquismo humano (...) transfere para o inconsciente todos os elementos e a lógica da consciência, de modo que (...) o inconsciente venha a ser um universo muito expressivo e diverso, onde todas as representações e imagens correspondem com absoluta exatidão a determinados objetos, todas as representações e desejos estão seguramente orientados e os sentimentos conservam toda riqueza dos seus matizes e das mais sutis conversões (2007, p. 70).

Em relação à censura, no sentido de autocensura, atesta Bakhtin que para Freud ela é totalmente inconsciente. No entanto, o modo como opera a censura revela que ela é de uma imensa competência ideológica e requinte incompatível com a estrutura do inconsciente. O mesmo ocorre com o processo de transferência e não há nesses mecanismos nada de mecânico, eles são ideológicos. A fonte da censura está na cultura e na suas instituições, códigos, leis e costumes, mas são incorporadas na constituição do sujeito e são representadas como signos linguísticos passando a fazer parte do inconsciente.

Nesse item, acreditamos, não há incompatibilidade entre as teorias de Bakhtin e de Freud. A censura do inconsciente de Freud se constitui a partir da cultura e sua formação também se faz em linguagem, pois só assim podemos pensar uma estrutura para o pensamento. Entretanto, o acesso ao inconsciente só pode ser feito pelas manifestações conscientes, especialmente, mas não somente pela língua verbalizada, materializada. Assim foi criada a psicanálise, ou seja, através da fala dos pacientes, embora muitas formações inconscientes possam ser significadas através das linguagens não verbais, como os gestos, expressões fisionômicas etc.

Para Bakhtin, o inconsciente de Freud não aproxima minimamente o psíquico da natureza material, e essa separação, na psicanálise, é a mesma que se verifica na psicologia da consciência. Argumenta que há, no freudismo, uma psychologização dos fenômenos e, ao tratar a teoria das zonas erógenas, diz que Freud não considera o aspecto fisiológico, fazendo, portanto, uma análise apenas psíquica, do ponto de vista da introspecção e das representações subjetivas. Isso o leva a uma teoria subjetivista segundo a qual o psiquismo se torna totalmente autônomo e independente. Para ilustrar essa idéia, cita o caso de constituição de um caráter humano a partir da zona anal. Bakhtin critica a maneira como Freud teoriza sobre o caráter sendo determinado através das zonas erógenas. E afirma, ainda, que o ponto de vista dos freudianos, ao tentar estabelecer um campo neutro que não pertence nem ao físico nem ao psíquico e de onde pode emergir tanto o físico quanto o psíquico, é ingênuo em termos filosóficos, uma vez que omite inteiramente a questão do método.

Em relação ao aspecto biológico, diz que alguns adeptos do freudismo afirmam que a biologia é a base objetiva da psicanálise tendo em vista a teoria das pulsões. Declara que essa idéia não se baseia em nada e afirma que há, na teoria freudiana uma psychologização e subjetivação da psicologia. Toda a Biologia abordada nos conceitos psicanalíticos é dissolvida, segundo Bakhtin, no subjetivo-psíquico.

Aqui há uma contradição com o que Bakhtin afirma no início de O freudismo quando situa o pensamento de Freud, explicitando o motivo ideológico do freudismo e atestando que o centro da teoria de Freud é o ser biológico e chega mesmo a elogiar a contribuição que Freud fez no que diz respeito à questão da sexualidade:

Assim, o essencial no homem não é, de maneira nenhuma, aquilo que determina o *seu lugar e seu papel na história – a classe, a nação, a época histórica a que ele pertence*; essenciais são apenas o *seu sexo e sua idade*; tudo o mais é mera superestrutura erigida sobre esses elementos. *A consciência do homem não é determinada pelo seu ser histórico, mas pelo ser biológico*, cujo aspecto fundamental é a *sexualidade*. (2007 p. 6; grifos do autor).

Em alguns momentos, trata Freud como organicista; em outros, como psicologista, subjetivista e metafísico, afirmando que, do ponto de vista metodológico, a psicanálise em nada difere da psicologia

da consciência, que se fundamenta em dados da introspecção e, mesmo dando-lhe outra interpretação, não consegue dar um caráter objetivo e para isso seria necessário mudar o ponto de vista. No entanto não parece justa essa crítica, pois a psicanálise traz um conceito que coloca em xeque toda a ciência e seus métodos. O freudismo traz um sujeito que não é senhor em sua própria casa, uma vez que possui um inconsciente, uma instância grandiosa de seu aparelho psíquico que ele não domina. E mudar o ponto de vista e a metodologia aqui implicaria abrir mão de pressupostos básicos dessa teoria.

É pertinente considerar, ainda, que uma coisa com a qual Freud não deve ser identificado é com a psicologia experimental. A sua construção é a psicanálise fundamentada na livre associação. Embora o seu campo de observação e intervenção seja o inconsciente, como entidade e não como estado, não se trata propriamente de psicologia subjetiva do inconsciente com o modelo da observação do consciente conforme sugerido por Bakhtin. Freud parte das formações inconscientes reveladas pelo paciente na clínica e analisadas do ponto de vista de sua história. É um processo em que o sujeito se auto-descobre e não um modelo estabelecido pela psicanálise e aplicado ao paciente.

Segundo Bakhtin, o método adotado por Freud, mesmo partindo dos enunciados verbalizados, só considera a introspecção. Não leva em conta aspectos fisiológicos, sociológicos, levando o paciente para outras camadas do psiquismo e só dará valor ao que o paciente, na atitude introspectiva, reconhecer como conteúdo do inconsciente e a ele puder dar sentido. Isso significa que

(...) toda a dinâmica psíquica de Freud é dada numa interpretação ideológica da consciência. Trata-se, conseqüentemente, da dinâmica não das forças psíquicas, mas apenas de diferentes motivos da consciência. (2007, p. 77; grifos do autor).

Na teoria freudiana, a luta psíquica só é avaliada do ponto de vista subjetivo e parcial da consciência que interpreta o comportamento do homem desvinculado dos aspectos sociais e históricos. Dessa maneira, Bakhtin assegura que a consciência do homem isolado é a ideologia do seu comportamento e, por isso, não se pode tomar como verdade essa ideologia ou qualquer outra ideologia, uma vez que ela atenderá sempre a seus próprios interesses. Sendo assim, o psicólogo objetivista não aceita como verdade quaisquer enunciados verbaliza-

dos que sejam baseados em sua experiência interior, mas procura analisar os enunciados a partir de raízes objetivas que expressem as condições fisiológicas e socioeconômicas. Freud age de forma diversa e, reitera Bakhtin, não leva a uma experiência objetiva.

A psicanálise busca explicações a partir do material verbal do paciente tentando interpretar o inconsciente manifesto no consciente. Essa análise supera os limites que o paciente alega, saindo dos limites do consciente, penetrando na profundidade de seu psiquismo. No entanto, o confronto entre consciente e inconsciente (também linguagem, embora com outra *gramática*) sugere um confronto ideológico que espelha as relações sociais estabelecidas entre as pulsões do indivíduo e os princípios de civilização que orientam as relações sociais, e, no caso de Freud, as mais destacadas são as relações familiares da infância, preponderantes na constituição do sujeito.

Aqui parece haver certa ingenuidade em Bakhtin, considerando a possibilidade de distanciamento para analisar a questão da verdade. Tanto o sujeito ao analisar seu comportamento pode se enganar, quanto qualquer outro, uma vez que objetividade absoluta é impossível. Por trás de qualquer teoria há sempre o sujeito. Quanto ao processo do inconsciente consideramos totalmente adequado o fato de Freud colocar no próprio sujeito o descobrimento dessa verdade. Só assim é possível desvendar o mecanismo do inconsciente, ainda que necessite da intervenção do outro na pessoa do psicanalista. Só o sujeito pode chegar a essa verdade, que obviamente, estará permeada de valores e interesses como qualquer outra verdade.

Em relação à verbalização dos enunciados, Bakhtin afirma que não é possível tomar como produto de um indivíduo único nenhum enunciado verbal, pois o enunciado é sempre produto da interação entre falantes, é produto de uma situação social em que surgiu. Assim, não há como analisar qualquer linguagem sem considerar os aspectos sociais. Nesse caso, os enunciados estarão sempre permeados, contaminados pelas condições em que foram produzidos, expressando uma rede complexa de fatores que interferem nesse processo de verbalização. Nesse contexto, a psicanálise oferece uma interpretação unilateral e, de acordo com o ponto de vista bakhtiniano, para compreender completamente o cenário social expresso na palavra é indispensável recorrer a todas as inter-relações sociais da enunciação em questão. Para Bakhtin, não há diferença se o discurso é in-

terior ou exterior, pois o dois são frutos de experiências sociais. Desse modo as enunciações expressam o cenário social em que foram produzidas, revelam as inter-relações travadas entre os interlocutores e, no caso da sessão de psicanálise, revela a dinâmica social estabelecida entre médico e paciente e, por isso, haverá aí uma luta de seres humanos e não de forças naturais. Isso implica o caráter ideológico de qualquer análise que considere a palavra, bem como o papel que exercem os atores que participam do processo de enunciação. E aqui, Bakhtin afirma que Freud não leva em conta os aspectos mencionados anteriormente, reportando todo fenômeno à alma individual do homem.

Nesse tópico, consideramos apropriada e coerente a análise de Bakhtin ao focalizar o caráter social e ideológico da palavra e que a análise da linguagem deve priorizar sempre essa rede social em que foi produzida. No entanto, não parece que Freud tenha desconsiderado tal realidade, apenas focalizou o ponto de vista do sujeito como o agente capaz de realizar uma busca que fosse profícua a respeito de si mesmo, uma vez que a elaboração mental que cada ser opera a partir das relações sociais, por maiores que sejam as semelhanças, será sempre *sui generis*. Mas, acreditamos, a psicanálise longe está de negar o caráter social constitutivo do sujeito.

Outro ponto abordado por Bakhtin na teoria freudiana é que o conteúdo do inconsciente é situado na infância do homem, portanto, é fruto de retrospectiva, funda-se em interpretações das lembranças dos adultos. Bakhtin questiona se é possível atribuir como científico um método fundamentado em retrospectiva, que analisa o presente tendo em vista o passado. Reitera que por essa via não se chega a nada real, objetivo, de modo que para ele toda a teoria de Freud a respeito do inconsciente constitui-se de interpretação valorativa e ideológica que ele dá à *pulsão sexual pela mãe, pai rival* etc., mas não há nada que possa abonar totalmente a tese do complexo de Édipo. Bakhtin afirma que o freudismo é “(...) uma teoria grandiosa, fundada numa interpretação sumamente ousada e original dos fatos, surpreendente e paradoxal” (2007, p. 82), no entanto, para refutá-la seria necessário refutar os fatos que analisa (nascimento, relação mãe/filho, pai/filho) e isso não é possível, não há como, o que não quer dizer que esses fatos possam confirmá-la, sendo assim, Bakhtin reafirma que Freud não vai além de uma teoria subjetiva.

Nesse aspecto, importa considerar duas posições: primeiro o fato de o método retrospectivo, de tomar como ponto de partida o passado para esclarecer o presente, não poder ser desabonado, uma vez que a psicanálise não está preocupada em estabelecer uma verdade que seja fiel à realidade dos fatos, mas uma verdade que seja fiel à visão do sujeito a respeito do fato. Segundo, a teoria do complexo de Édipo – fundada numa interpretação – não pode ser largamente comprovada a partir de dados tal qual ocorre com as ciências exatas. É desenvolvida com coerência, uma vez que demonstra a impossibilidade de comprovações matemáticas e categóricas, o que não a desautoriza, não torna absurdas suas premissas, pois há toda uma pesquisa coerentemente elaborada. Nesse contexto, tomamos o ponto de vista de uma bakhtiniana ao abordar a pesquisa nas ciências humanas como ciência do discurso:

Do encontro e de seu fracasso, do diálogo e do equívoco se tece a produção de conhecimentos em Ciências Humanas. Conhecimento que se constrói, portanto, no paradoxo e na vertigem, pois sua possibilidade é alternativamente negada e afirmada (AMORIM, 2004, p. 32).

Para Bakhtin, o que resta, desconsiderando a teoria subjetivista, é o conflito do comportamento verbalizado do homem por trás do qual se radicam certos processos materiais objetivos que revelam a luta ideológica ignorada pelo freudismo porque para descobri-los é necessário ir além de tudo que o homem pode dizer a respeito de si mesmo baseado na introspecção. Os fatores do âmbito fisiológico devem ser enfocados pelos estudos que orientaram a teoria dos reflexos condicionados. Os demais aspectos do comportamento verbal (aqueles com que o freudismo trabalha, isto é, a palavra e seu sentido) devem ser avaliados sob o prisma socioeconômico, pois o psiquismo humano, a consciência, reflete a dialética histórica, muito mais do que a dialética da natureza, e a palavra, verbalizada, materializada, é o meio objetivo através do qual o psiquismo pode ser analisado.

Bakhtin aceita a premissa freudiana sobre a fragilidade da consciência como referência segura do homem sobre si mesmo. No entanto, verifica que o inconsciente trazido por Freud não difere da consciência, de modo que não pode explicar o comportamento humano. Atesta que tanto as verbalizações do inconsciente (livre-fantasia) como as do consciente expressam o mesmo, isto é,

componentes do comportamento que revelam os fatores objetivo-sociais. Dessa maneira, nenhuma verbalização pode ser analisada como um produto de um único indivíduo, toda verbalização é fruto de uma interação social e, é nessa perspectiva que deve ser avaliada. Sendo assim, do ponto de vista bakhtiniano, todo o conteúdo da consciência e do psiquismo se revela no exterior, nas verbalizações e é determinado pelos fatores socioeconômicos, ainda que tratem de experiências íntimas da vida do indivíduo. Portanto, para Bakhtin, jamais se chegará às raízes de uma enunciação, considerando o organismo de um único indivíduo. Para proceder a essa análise, necessário considerar que a palavra expressa sempre as relações estabelecidas entre os indivíduos e o grupo social a que pertencem e a maneira de se efetuar tal processo deverá ser através dos métodos objetivo-sociológicos marxistas.

A questão do caráter social da palavra, ou seja, que esta expressa sempre uma interação social, é inquestionável. No entanto, cabe reiterarmos que Freud não negou esse caráter social, as relações. Sua pesquisa sobre o sujeito, ainda que o foco fosse o indivíduo no que diz respeito à clínica, não o considerava isolado, ao contrário, é sempre visto como um ser social, mergulhado na cultura.

Ao considerar o conteúdo psíquico como determinado pelas relações socioeconômicas, Bakhtin não desconsidera a instância do indivíduo, no entanto, afirma que a fronteira entre o conteúdo psíquico e a ideologia não existe em termos de princípio, e que o conteúdo psíquico verbalizado, como qualquer criação cultural é ideológico: “O conteúdo mais vago da consciência e a obra mais perfeita da cultura são apenas elos extremos de uma única cadeia da criação ideológica” (2007, p. 87). Assim, garante que entre esses dois elos há um caminho a ser percorrido. E esse percurso, em todas as etapas, é determinado pelas leis socioeconômicas, uma vez que a consciência só efetuará esse caminho através da palavra. Defende que a investigação dessa palavra, desse caminho, deve ser feito pelos mesmos métodos que Marx elaborou para o estudo das teorias ideológicas.

Os conflitos psíquicos abordados pela psicanálise para explicar a luta entre o consciente e o inconsciente não são psíquicos, mas ideológicos. O mito, a brincadeira, o chiste e todos os componentes das formações patológicas refletem a luta ideológica. O conteúdo psíquico é condicionado pela época e por uma classe e os conflitos com que opera o freudismo são característicos da atualidade burguesa, ou

seja, em indivíduos alheios a essa burguesia, os conflitos serão outros. Assim, quanto maior o divórcio entre o consciente e o inconsciente (aspecto ideológico) maior será a dificuldade do discurso interior passar para o discurso exterior, ou seja, ser verbalizado, ganhar forma e clareza.

Nesse aspecto, o conflito gerado entre o consciente e o inconsciente, o princípio é o mesmo de Freud em relação à censura, apenas Bakhtin coloca que a base do conflito situa-se não exatamente na censura, mas no caráter ideológico, como já explicitado. No entanto, não é possível falar em censura, mesmo no sentido de autocensura, sem considerar regras estabelecidas socialmente.

A respeito da questão sexual, declara Bakhtin que esse é um campo em que o comportamento verbalizado se faz com grande dificuldade e por isso ele escapa fácil do contexto social, perde a enformação ideológica e acumula ações anti e a-sociais. É o campo que contribui mais facilmente para a desintegração social:

Todas as épocas de decadência e desintegração social se caracterizam por uma *superestima vital* e ideológica do *sexual* e ainda por cima em sua concepção unilateral: promove-se a primeiro plano o seu aspecto *a-social* tomado em forma abstrata. (...) O atual sucesso do freudismo em toda Europa sugere a plena decomposição do *sistema ideológico oficial*. A 'ideologia do cotidiano' acabou entregue a si mesma, dispersa e não-enformada. Cada face da vida, cada fenômeno e objeto fogem ao contesto das *avaliações de classe e sociais*, contexto bem organizado e convincente para cada um. Cada objeto parece voltar-se para o homem em seu aspecto sexual, não social. (...) A família – pilar e esteio do capitalismo – tornou-se evidentemente pouco compreensível em termos econômicos e sociais e pouco falante ao coração, razão por que é possível a sua completa sexualização, um estranhamento, como diriam os formalistas (BAKHTIN, 2007, p. 91; grifos do autor).

Ao final desse tópico as críticas desferidas a Freud se tornam extremamente duras, ácidas e, do nosso ponto de vista, reduzem bastante a teoria do freudismo bem como de outros filósofos. E, se assim podemos dizer, expressa também um certo moralismo, talvez fruto da ideologia política daquele momento histórico, extremamen-

te voltada para o coletivo, numa tentativa de estabelecer o princípio que só é politicamente correto o que remete ao social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como mencionado, há pontos de contato nas teorias de Bakhtin e de Freud, assim como diálogo com Marx, Saussure e outros.

Um ponto de contato está no fato de Bakhtin afirmar que o sujeito é constituído pela linguagem e, dessa maneira, seu discurso será povoado por diversas vozes sociais. Não será homogêneo, mas multifacetado, polifônico, com vozes situadas socialmente, que se reforçam ou se conflitam. Nesse processo, a incorporação de vozes pode ocorrer de duas maneiras: consciente, deliberado em que a palavra alheia é escolhida e aceita e outra, inconsciente, remetendo à teoria de Freud, de constituição do aparelho psíquico e suas instâncias, uma delas o inconsciente.

Bakhtin, ao preconizar o caráter constitutivo da linguagem no processo de interação dialógica, permite o deslocamento desse conceito de inconsciente freudiano para uma abordagem mais ampla, considerando a função dos diversos discursos no que chama de ideologia não-oficial. Nesse contexto, Bakhtin toma as interações entre o eu e o outro na perspectiva da luta de classes em que a consciência é constituída a partir do lugar social em que o sujeito se situa.

Outro ponto em comum é que, para Bakhtin, a expressão exterior é que organiza e regula a expressão interior. Embora afirme não ser possível separar o discurso interior da expressão exterior, afirma que a existência dessas duas faces deve ser levada em conta:

Toda teoria da expressão, por mais refinadas e complexas que sejam as formas que ela pode assumir, deve levar em conta, inevitavelmente essas duas facetas: todo ato expressivo move-se entre elas. Consequentemente, a teoria da expressão, que ele começa a existir sob uma certa forma, para passar em seguida a uma outra. (BAKHTIN, 1988, p. 111).

A expressão exterior organiza, regula e revela o eu em relação ao outro: “Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise em relação à coletividade” (BAKHTIN, 1988, p. 113) e

ainda: “Uma vez materializada, a expressão exerce um efeito reversivo sobre a atividade mental: ela põe-se então a estruturar a vida interior, a dar-lhe uma expressão ainda mais definida e mais estável” (1988, p. 115). Tal perspectiva se assemelha à perspectiva psicanalítica que afirma que por meio da fala o indivíduo se organiza e se revela, fala-se.

Freud e Bakhtin teorizam pontos semelhantes no que se refere à constituição do sujeito. A divergência ocorre em relação aos objetivos e método adotados por esses estudiosos. Freud com o objetivo de análise do sujeito, a partir da linguagem, com o foco na clínica médica, adotando um método próprio, que fugia, em certa medida, dos métodos científicos. Consideramos que o esboço crítico de *O freudismo* não esclarece as semelhanças quanto ao processo de constituição do sujeito na linguagem, trazendo uma visão reduzida da teoria psicanalítica. Não considera os vários momentos da obra de Freud e, por isso, alguns argumentos são pouco consistentes no que tange aos conceitos freudianos apresentados sob uma postura em certa medida dogmática em relação aos pressupostos marxistas defendidos.

REFERÊNCIAS

- AMORIM, M. *O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas ciências humanas*. São Paulo: Musa Editora, 2004.
- BAKHTIN, M. *O freudismo: um esboço crítico*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- BAKHTIN, M. (VOLOCHINOV). *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara F. Vieira. São Paulo: Hucitec, 1988.
- FREUD, S. Psicologia de grupo e análise do Ego. In: *Obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. XVIII.
- MOURA-VIEIRA, M. A. O freudismo: uma crítica à ideologia psiquiátrico-psicanalítica. In: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin e o círculo*. São Paulo: Contexto, 2009. p. 49-71.

Recebido em 03/09/2009

Aprovado em 10/10/2009